

Poder Viril-Disciplinar E Dispositivos De Sua Reprodução E Transmissão: O Que Teria A Nos Dizer Um “Trivial” Banheiro Dos Homens?

Autoria: Anderson de Souza Sant'Anna

RESUMO

Seguindo trilhas abertas por Edelman (2011) e tendo como matriz teórica a analítica foucaultiana de poder, este artigo insere-se em programa de pesquisa destinado a investigar relações entre os construtos “espaço” e “práticas sociais”, com destaque para a análise de suas implicações sobre a instância das relações de poder intra e extraorganizacionais. Para tal, busca-se investigar espaços periféricos ou cotidianamente ignorados, os quais, todavia, apresentam-se como emblemáticos da difusão e introjeção de discursos e práticas que suportam tais relações, no contemporâneo. Neste artigo centramos em pequena “etnografia” do banheiro dos homens, investigando-o como dispositivo de produção, transmissão e reprodução de subjetividades que suportam discursos e práticas de poder. Como resultados corroboram-se considerações de Foucault quanto à amplitude e profundidade da presença do poder disciplinar, bem como a sofisticação e sutileza de estratégias e táticas mobilizadas em sua aplicação e reprodução. Destacam-se, ainda, formas contemporâneas de apropriação e (re-)significação da noção de virilidade como fundamento e instância de poder intra e extraorganizacional.

Palavras-chave: Poder; Poder Viril; Educação; Gênero.

INTRODUÇÃO

Uma arqueologia da virilidade muito provavelmente apontaria para sua compreensão como uma "instituição", em relação a qual se subordinaria, tanto homens, quanto mulheres, das mais diversas orientações sexuais. Uma “instituição” de poder - senão, também, de dominação - compreendendo complexa rede de estratégias, táticas e dispositivos, que se ajustam e adaptam com relativa eficácia às transformações que marcam a dinâmica tempo-espaço:

A virilidade é marcada por uma tradição imemorable: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesma, e sua parte mais ‘nobre’, senão a mais perfeita. A virilidade seria virtude, cumprimento. A *virilitas* romana, da qual o termo é oriundo, permanece um modelo, com suas qualidades, claramente enunciadas: sexuais, aquelas do marido ‘ativo’, poderosamente constituído, procriador, mas também ponderado, vigoroso e contido, corajoso e comedido. O *vir* não é simplesmente *homo*; o viril não é simplesmente o homem: ele é antes ideal de força e virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação. Daí esta situação tradicional de desafio: buscar o ‘perfeito’, a excelência, bem como o ‘autocontrole’. Qualidades numerosas enfim, entrecruzadas: ascendência sexual misturada a ascendência psicológica, força física à força moral, coragem e grandeza acompanhando força e vigor (CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2013, p. 7).

Da antiguidade clássica, passando pela era moderna e até nossos dias é notória a utilização da noção de virilidade como fundamento e instância de poder. Não raro, de dominação, mais que poder, uma vez que, seguindo Foucault (1987), o poder pressupõe liberdade: espaços de livre-arbítrio.

Retroagindo à Grécia antiga, berço do pensamento ocidental, já se identifica a virilidade como noção estruturante das relações sociais. A invisibilidade e irrelevância atribuídas ao papel da mulher, a posição de escravidão de ampla parcela da população e a aparente "igualdade" entre

os cidadãos das cidades-estado - Atenas, em destaque - sustentam uma forma de ordenamento social tradicional, rigidamente estratificado, em que os papéis e funções do *Vir* viam-se estabelecidos visando, eminentemente, a manutenção do *status quo* do indivíduo homem-heterossexual-branco-cidadão:

O discurso grego sobre a virilidade, isto é, o conjunto de traços e comportamentos próprios a um homem, depende mais da construção ideológica que da observação antropológica. Os textos e as imagens informam mais sobre aquilo que a sociedade espera do comportamento do macho do que sobre as práticas reais, notadamente no domínio do íntimo, onde as transgressões em relação à norma estabelecida não têm nenhuma chance de ser enunciadas (CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2013, p. 19).

Ao longo do tempo mudam-se os dispositivos, as estratégias e as táticas de exercício desse poder: são estabelecidos novos, assim como se aprimoram seus antigos mecanismos, redefinem-se seus atores e agentes, sofisticam-se os instrumentos de dominação. De fato, se na antiguidade grega a metáfora desse poder era a própria dinâmica da *polis* ateniense, lócus das instituições emanantes desse poder, da festa e do mercado, com seus espaços, públicos e privados, rigidamente demarcados quanto aos atores e comportamentos; na Idade Clássica, seu exercício será calcado e metaforizado pelas disciplinas e, mais contemporaneamente pela vinculação dessas ao biopoder (FOUCAULT, 2002).

Em outros termos, nas ágoras, ginásios e termas da antiguidade grega, a dinâmica do poder-viril, calcado no culto às virtudes de honra, força e beleza, encontram seus espaços *par excellence*, tangibilizando-se em práticas de poder fundadas na interação entre o dionisíaco e o apolíneo, entre mente e corpo, esse último amplamente evidenciado nas estátuas de deuses e heróis, torneios esportivos, banhos públicos e nas relações entre *erastas* (garotos) e *erômenos* (adultos), nos banquetes. Espaços de homens. Espaços de regras e códigos de iniciação, transferência e perpetuação de poder:

Numa sociedade onde as formas de sociabilidade favorecem a separação dos sexos e onde, por consequência, os homens têm múltiplas ocasiões de se encontrar sozinhos, desenvolveu-se claramente uma atmosfera de homoerotização, acentuada pela prática da nudez, parcial ou total. [...] De uma forma, geral, a busca de amantes valoriza *erastas* e *erômenos*, desde que não se trate nem de coesão nem de dinheiro. [...] O pudor consiste em não se oferecer, em não provocar, em esperar com modéstia (*sóphrosýne*) a veneração de um amante (CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2013, p. 52-53).

[...] Podemos nos impressionar com o encorajamento assim dado às relações entre garotos e adultos, numa fase da vida dos jovens onde se constrói sua sexualidade de adultos. Ora, o objetivo é exatamente aquele de torna-los adultos capazes e desejosos de engendrar. Tudo se passa na verdade como se se tratasse, ao longo de uma etapa crucial da revelação de sua *andréia*, de desviar os jovens do mundo da sexualidade feminina, aquele das mulheres casadas e aquele das mocinhas, as duas reservadas para outras posturas e não para o prazer erótico dos jovens varões. O desvio do desejo sexual de jovens sexualmente inacabados – e, portanto, neutro em termos de gênero – na direção de um tipo de relação socialmente supervalorizada permitia facilitar a aquisição de uma sexualidade adulta sem colocar em risco as estruturas fundamentais da sociedade (CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2013, p. 53).

Na Idade Clássica, por sua vez, a figura arquitetural exemplar do poder da norma e da disciplina - eminentemente antidionisíaco - será o panóptico (BENTHAM, 2008), que robustecido, ao longo do tempo, pela difusão, quer uma ética protestante, quer pela tônica no racionalismo socrático, acabará por forjar novos códigos de ordenamento e de (in-)visibilidade. Do corpo guerreiro ao do soldado-operário; da nudez masculina em sua corriqueira explicitação nos espaços viris de poder da *polis* grega, aos pudores em relação ao

corpo nu, quer nas cidades romanas, quer nos territórios em conquista pelo cristianismo, quer, mais tarde, nas cidades burguesas, da revolução industrial:

O século VIII inventou mecanismos de poder que podem se tramar diretamente com base nos processos de produção, acompanha-os ao longo de todo o seu desenvolvimento e se efetuar como uma espécie de controle e de majoração permanente dessa produção [...] A revolução burguesa do século XVIII e o início do século XIX foi a invenção de uma nova tecnologia do poder, cujas peças essenciais são as disciplinas (FOUCAULT, 2002, p. 109).

Engendram-se, portanto, "novas" configurações - e arquiteturas, senão engenharias - do poder. Configurações de um poder direcionado não mais a um corpo guerreiro, mas a uma corporeidade dócil, obediente (FOUCAULT, 1987). Logo, novos usos, esquemas e dispositivos centrados na *rationale* de Bentham (2008). Por meio dela, uma apropriação da visibilidade pela vigilância hierárquica, pela sanção normalizadora, pelo exame, pelo registro sistemático do observado.

Nesse caso, a técnica que se privilegiará será a de um exercício do poder que visa, eminentemente: 1. dividir a duração das atividades corporais em segmentos sucessivos ou paralelos; 2. combiná-los em níveis de complexidade crescentes; 3. fixá-los um término temporal cujo final constitui a prova de haver alcançado um nível maior de aptidões; 4. ordenar séries de séries, pela via da divisão e subdivisão das atividades.

Tamanho esforço configurará uma verdadeira pedagogia analítica, cujos conteúdos permitirão uma compreensão mais precisa das atividades corporais e, como efeito, maior precisão em nível da disciplina, da obediência e do controle.

Enquanto na *polis* ateniense a visibilidade se constitui em elemento em si do poder, na Idade Clássica o mesmo se articulará cada vez mais sob os interstícios de um “jogo de visibilidade-invisibilidade”, fundamentado na “ilusão da razão” (NIETZSCHE, 2013), na quadriculação dos espaços, na vigilância hierárquica e no apontamento sistemático das informações obtidas em arquivos: prontuários médicos, boletins escolares, relatórios de avaliação de desempenho (FOUCAULT, 1987). Foucault (1987, p. 174), sintetiza o dispositivo disciplinar como o:

[...] espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde os menores acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos.

Já no contemporâneo, em uma sociedade ampla e consolidadamente biopolítico-disciplinar (FOUCAULT, 2002), amparada por aparatos estatístico-demográficos e tecnomidiáticos - em que o “jogo visibilidade-invisibilidade” e mesmo a privacidade se vêm revisitados, quer em decorrência dos *gadgets* tecnológico-digitais, quer por meio deles, pelos estratagemas do consumismo global, do tipo "*big brother*", interativo e em *real time*. Uma ilustração desse poder - sutil, de entranhas - pode ser evidenciada na forma como a virilidade fundamenta e se implica na tessitura do poder-saber disciplinar e biopolítico, da contemporaneidade.

Se a crítica ao viril enquanto homem-branco-jovem-heterossexual ganha impulso a partir das revoluções culturais e comportamentais de meados do século XX e, em particular, a partir de condições propiciadas pelos movimentos feministas, novas visões sobre o *Vir* enriquece-se, no contemporâneo, em especial, por meio dos movimentos homoafetivos, *loci* fulgurantes à

emergência de novas formas de se apreender a diferença, a diversidade; e, enfim, a novas revoluções culturais e de comportamento.

Por outro lado, demanda atenção os riscos de sua mera apropriação aos modos tradicionais de *management*, típicos do estágio atual do capitalismo, pós ruptura do ciclo virtuoso do fordismo (HARVEY, 1992; LIPIETZ, 1988). Estádio esse calcado em modelos de produção regulação e consumo caracterizados por Harvey (1992) como de “acumulação flexível”, em que significantes como inovação, agregação de valor, diferenciação competitiva apresentam-se como de ordem. Em que elementos tais como diversidade, capitais intangíveis e capacidade de valoração de experiências são apropriados como atributos-chave do discurso mestre do mercado (LACAN, 1993).

Nesse contexto, características homoafetivas - ou seria melhor dizer, homoeróticas - são assimiladas unicamente como plataformas de atração e cooptação de novos nichos de mercado. Isso, por meio da assimilação de estereótipos a elas vinculadas - alegria, festa, sociabilidade, ousadia, elegância, bem como irreverência e estilos de ser, de vida e de consumo singulares - atrativos ao mercado de produção e, em especial, de consumo; de novos produtos, serviços e experiências.

Nem o reduto emblemático da virilidade hegemônica escapa: o futebol. Estereótipos da masculinidade tradicional, nem os jogares de futebol são esquecidos. David Beckham apresenta-se como protótipo do consumidor metrossexual, acompanhado de outros craques como Cristiano Ronaldo. No Brasil, Neymar Jr., pelo porte físico franzino, pelo ar jovial e simpatia é outro astro ascendente no mundo da publicidade e da moda, apontado por alguns como o mais provável sucessor de Beckham - senão da *top model* internacional, Gisele Bündchen. O polêmico “selinho” do jogador Emerson Sheik em um amigo de mesmo sexo, também não deixa de atrair a atenção dessa lucrativa “crise da masculinidade”.

Registra-se, portanto, vigoroso movimento de produção de versões masculinas das *top models* globais, importantes estandartes da cultura de consumo, agora metrossexual. A indústria dos cosméticos e do vestuário, as grandes cadeias de salões de beleza e academias de musculação, assim como amplo segmento das indústrias farmacêutica e alimentícia (re-)descobrem no universo masculino filão significativo para novos mercados, capazes de, por meio de em uma só corporeidade - a do homem - forjar objetos de desejo - e, portanto de consumo - para múltiplos gêneros: hetero e homoafetivos.

A indústria do cinema, como formadora de opinião e difusora de comportamentos, bem como a televisão e a internet, por meio dos conteúdos de entretenimento, da publicidade e do *merchandising* colocam-se como os arautos desse culto ao “homem contemporâneo”: jovem, sensual, de corpo bem delineado, sempre na moda, supostamente perfumado, charmoso, elegante, sensível, sociável e aberto a novas experiências...

Independentemente do sexo da audiência é esse homem - misto de mistério, sensualidade, força e delicadeza, bem como denotando certa ambiguidade quanto à sua real orientação sexual, embora quase sempre camuflado em traços do “macho clássico” - que se apresenta como a personagem ideal dos *castings* da nova indústria do entretenimento e da publicidade.

Dos homens rudes, despojados de vaidades e assertivos do passado, evidenciam-se os metrossexuais, homens capazes de atrair o olhar, o desejo e imitações tanto de outros homens, quanto de mulheres, das mais diferentes orientações sexuais. Em outros termos, constrói-se o

“tipo” ideal à maximização dos investimentos em publicidade, à gestão de marcas e ao desenvolvimento de produtos globais, cada vez associados a serviços e experiências.

Ao invés das belas mulheres dos antigos comerciais de automóveis ou dos *cowboys* das atualmente proibidas campanhas publicitárias de cigarros, o que se repete com cada vez mais frequência - em particular nas campanhas de grandes *griffes* internacionais, em particular de moda e cosméticos - são homens seminus ou em poses sensuais, de corpos bem definidos, barbas mal feitas, cortes de cabelo e trajas *fashions* e olhares ternos, senão quase femininos.

A construção desse olhar é, portanto, forjado pela lógica do mercado e seu corolário, o consumismo, que agrega às perspectivas relativamente estáticas do panóptico, os movimentos em torno da “hipertextualidade” (NONAKA e TAKEUCHI, 1997). Por suas vias somam-se dispositivos capazes de contemplar, em uma mesma tela e de forma dinâmica e circular, múltiplos níveis ou camadas de eventos-conteúdos, assimiláveis por meio de esquemas cognitivos e tecnológicos que os tornam sempre acessíveis, inclusive em temporalidades simultâneas. São espaços de virtualidade, diversidade e multilinguagem somente possíveis pela conjugação de diferentes mídias e tecnologias de informação e interação, em escala global jamais vista.

E o que teriam os banheiros - *restrooms* - a nos dizer sobre esse debate em contextos altamente midiáticos e tecnológicos, que marcam o contemporâneo?

O banheiro

Aprimorados no contexto da modernidade, os *restrooms* parecem ter mais estórias a contar sobre a questão da visibilidade que a *priori* se possa vislumbrar. Em primeiro lugar, há que se reiterar que nem sempre tais espaços ocuparam lugar na sociedade humana e na vida privada. (PROST, DUBY, VINCENT, PERROT, VEYNE, ARIES, 2009).

Se na antiguidade teve-se grande apego pelas termas, saunas e banhos públicos, o mesmo não se verificará no mundo europeu medievo ou nos primórdios do Iluminismo. De fato, não constituía peça presente - ou relevante - nas residências desse longo período histórico. Mesmo na refinada França, de Louis XV, relatos apontam para a necessidade, de tempos em tempos, de deslocamentos das cortes de um palácio a outro. Isso, com vistas a aliviar os odores impregnados em suas vastas galerias de cômodos. A excelência na produção de perfumes e o uso do famoso lençinho branco perfumado, dessa era são exemplos de artifícios para o mitigar.

Ainda nos primórdios da revolução industrial, como registra Foucault (1987), o controle sobre o corpo e sua visibilidade não se registrava de forma tão apropriada. Dispositivos como a arquitetura dos cômodos das casas - em especial operárias - não expressavam divisões tão compartimentadas como hoje. Mesmo momentos de maior intimidade, como os banhos e as relações sexuais, processavam-se sem as restrições ao olhar que se consolidariam no desenrolar da modernidade.

Como já mencionado, o século XVIII - e início do século XIX - aportará como grande inovação o esquema saber-poder - fundamento de uma sociedade disciplinar, com sua ênfase na produtividade. Uma engenharia de controle sobre o corpo, eminentemente direcionada à sua transformação em corpo dócil e útil.

Os avanços da revolução industrial, a consolidação da burguesia industrial como classe dominante e a sistematização de uma lógica que a legitime e a dê sustentação resultará em dispositivos direcionados ao controle estrito sobre a exposição do corpo, em particular sua dimensão mais íntima, pessoal, subjetiva. Para ser mais preciso: uma nova arquitetura de controle se abaterá sobre o olhar do - e em relação ao - corpo.

Ter-se-á ofensivas sem tréguas aos desviantes, aos incorrigíveis e aos masturbadores (FOUCAULT, 1987; 2002). Nas instituições totais e, antes, na família, os indivíduos terão seus tempos e movimentos rigidamente estabelecidos e demarcados: para o banho, para o ficar sozinhos, para o dormir, para o ir ao toalete:

O masturbador, a criança masturbadora, é uma figura totalmente nova no século XIX (é na verdade própria do fim do século XVIII), e cujo campo de aparecimento é a família. É inclusive, podemos dizer, algo mais estreito que a família: seu contexto de referência não é mais a natureza e a sociedade como [no caso de] o monstro, não é mais a família e seu entorno como [no caso de] o indivíduo a ser corrigido. É um espaço muito mais estreito. É o quarto, a cama, o corpo; são os pais, os tomadores de conta imediatos, os irmãos e irmãs; é o médico – toda uma espécie de microcélula em torno do indivíduo e do seu corpo.

Nesse contexto, prescreve-se, portanto, um controle estrito sobre o corpo, incluindo separações nos cômodos destinados às suas próprias necessidades fisiológicas: banheiro dos homens e banheiro das mulheres, não se reconhecendo, portanto, outros gêneros. Corpos homogêneos, corpos dóceis, corpos obedientes, corpos máquinas, corpos produtivos sobre os quais se imporão regras e prescrições, alicerçadas em permanente observação, análise e sistematização de saberes sobre sua ação, aparência, comportamento e conduta. Desse esquema formatar-se-ão normas, visando a eliminação de quaisquer excessos e desvios. Um poder, portanto, calcado na disciplina - “uma tecnologia positiva de exercício do poder, um conjunto de táticas, um mecanismo estratégico a partir do qual se efetivam as relações de poder” (FONSECA, 2001, p. 152) - em que o olhar e a confissão a qualquer desvio se fazem parte essencial de sua mecânica. O panóptico, de Bentham (2008), elevado à máxima potência. Um olho que a tudo vê e tudo sabe (FOUCAULT, 1987).

Inclusive, sobre aspectos e dimensões mais íntimos? Os dados acima indicam que sim. De fato, os estudos apontam para tônicas de dominação não somente por meio de dispositivos externos, exógenos às subjetividades, mas um poder que se instala cada vez mais na própria pessoa, por meio de uma espécie de “introjeção” sistemática do poder (PAGÈS, 1987). Em outros termos, uma sofisticação do panóptico, o qual não se limitará a dispositivos arquiteturais ou ao corpo físico, mas que se entranhará por instâncias cada vez mais subjetivas.

Em suas análises sobre o poder e a dominação em organizações hipermodernas, Pagès *et al.* (1987) evidenciam, por meio de estudo de caso em grande empresa multinacional, diversos mecanismos de controle à distância, notadamente calcados na difusão de uma ideologia que articula relações entre o econômico, o geográfico, o político, o ideológico e o psicológico e que irão fundamentar uma espécie de “religião” da empresa - com suas doutrinas, ritos e liturgias - expressa nas políticas e práticas de gestão de seus elementos humanos enquanto corpo e alma. Da influência sobre as estruturas inconscientes desses profissionais obter-se-á a adesão: “violência simbólica”, na era da “violência doce” (PAGÈS *et al.*, 1987; BOURDIEU, 1975; FOUCAULT, 1987).

O banheiro dos homens

Conforme salienta Edelman (2011), em termos arquitetônicos, o banheiro público masculino raramente tem vista. Ou, em outras palavras, raramente facilita uma vista para fora de si mesmo. Diversos deles, inclusive, carecem de janelas - que, quando presentes, localizam-se bem ao alto e com vidros translúcidos - dificultando qualquer visão de si pelo lado de fora.

Em geral, compõe-se por uma arquitetura bastante padrão, em que próximo à entrada, apresenta lavatórios com espelhos, que suprem a ausência de janelas, assim como o “[...] desejo dos olhos por profundidade de campo devolvendo o olhar a si mesmo, através de uma segmentação de espaço que pode justamente ser denominada autoreflexiva” (EDELMAN, 2011, p. 255). Em outros termos, seu formato arquitetônico comumente orienta-se por

[...] uma ideia de interioridade, para um princípio de contenção, implícito no imperativo arquitetônico que molda o sujeito - formando-o e informando-o como sujeito da ideologia - em sua própria imagem monumentalizante, modelando o sujeito como repositório do espaço através da articulação de identidades estruturais, pois são estruturantes (EDELMAN, 2011, p. 255).

Além de espaço funcionalmente definido para resposta às necessidades fisiológicas mais adjetas, o espaço do banheiro público masculino traz consigo uma dimensão simbólica que supera amplamente sua identidade estrutural: constitui lócus em que o poder disciplinar-viril se coloca à prova. Ao expor suas intimidades e ao se encontrar exposto à visibilidade dos outros se é submetido também a:

[...] várias vicissitudes psíquicas capazes de gerar desejos ilícitos. Como uma arena privilegiada para essa *performance*, para essa realização da anuência do corpo com a regulação cultural do desejo, o banheiro dos homens estabelece um palco crítico tanto para como na interpelação da subjetividade masculina (EDELMAN, 2011, p. 256).

É da ameaça a tal chamamento natural da subjetivação - por uma perversão polimorfa estrutural (FREUD, 1962) - que o sujeito deve se proteger. Ademais, não raro, transposto o espaço físico de lavatórios e espelhos, ter-se-á uma sequência de mictórios, em muitos casos discretamente apartados por pequenas barreiras que, todavia, não impedem totalmente a visão sobre os frequentadores dos urinóis vizinhos.

Curiosamente, não se eliminam as possibilidades de desvios, de erros, de infrações ao código penal - *e.g.* o aliciamento. Ao contrário, sua estruturação assegura tais possibilidades, expressando, claramente, “[...] que a proteção oferecida requer a presença da ameaça que seu próprio desenho solicita” (EDELMAN, 2011, p. 257).

Cada indivíduo é, portanto, submetido - e atua - em uma cadeia de dispositivos de (auto-)controle. Conforme observa Edelman (2011, p. 258), cada sujeito é uma câmera. Como em um escritório que, ao invés de uma câmera coletiva disposta no teto, transforma todos os seus ocupantes em câmeras que, por meio “[...] do olho de cada frequentador - certamente incluído o seu próprio - visa assegurar que o que está sendo exposto publicamente não é nunca observado diretamente”.

Eis, indiscutivelmente, a lógica do panóptico, porém, mais flexível, dinâmico e móvel, capaz de transformar a todos e a cada um em *personal panopticons*. Comparativamente aos modelos das prisões e instituições totais de Bentham (2008), tem-se - assim como nos *smartphones* e nos sistemas de gestão integrada das empresas (*Enterprise Resource Planning* - ERP) -

incorporados significativos avanços tecnológicos. Ao invés de se inibir quaisquer desvios por artifícios externos buscam-se artifícios que transformem o sujeito em si em panópticos.

Relevante considerar de que forma uma arquitetura tão banal e tão presente em nosso cotidiano (CERTEAU, 1994) pode ser capaz de reproduzir em amplitude e escala a lógica do poder disciplinar-biopolítico, da “lei do banheiro masculino”, a qual estabelece que seu corpo físico e subjetivo e, no caso específico, seus órgãos sexuais “[...] devem estar disponíveis para contemplação pública nos urinóis precisamente para permitir um mandato correlativo: que tal contemplação não deve jamais ocorrer” (EDELMAN, 2011, p. 258). Lei aplicável, exceto, é claro, em banheiros em que homens homossexuais - ou o desejo homossexual - possam aparecer, como aqueles em saunas masculinas, direcionadas ao público masculino homossexual ou simpatizante, *a priori*, consagrados ao desvio.

Apesar da exibição de uma de suas partes mais íntimas, o homem deve negar sua capacidade de sentir - e mais - de propiciar desejo: “[...] o vetor do olhar, não importa quão oblíquo, permanece alerta para observar a espiada que expõe qualquer interesse” (EDELMAN, 2011, p. 258), garantindo ao “inocente” banheiro “[...] lugar privilegiado na estrutura do significado social enquanto justifica seu lugar no espaço reservado para homens” (EDELMAN, 2011, p. 260). Em muito, de fato, diferente do universo daqueles das mulheres. De fato,

[...] enquanto as mulheres se retiram para a toailete - a sós ou mesmo, diante da perplexidade comicamente teatralizadas dos homens heterossexuais, aos pares - para cuidar, como se deve, da questão de como serão olhadas [em particular pelas outras mulheres], os homens, ao entrar no banheiro, põem o foco sobre como eles olham ou, mais precisamente, como seu olhar poderá ser visto pelo olhar do outro (EDELMAN, 2011, p. 259).

O Banheiro dos homens em Belo Horizonte

Visando seguir trilhas (*footprints*) abertas por Edelman (2011), e estimulado pela referência desse autor a matéria veiculada na sessão “Cidades”, do jornal The New York Times (1994), a qual reporta a instalação de aparelhos de televisão acima dos mictórios dispostos no banheiro público de restaurante daquela cidade, emergiu a proposta de reflexão sobre relações entre virilidade, poder, arquitetura e visibilidade, tendo por base a analítica foucaultiana de poder (FOUCAULT, 1984), bem como de ensaio fotográfico, que permitisse melhor apreensão dos dispositivos em análise.

Para tal, foram produzidas trinta fotos de banheiros públicos masculinos localizados em bares, restaurantes, *shoppings centers*, galerias comerciais, cinemas e universidades, em diferentes pontos da cidade de Belo Horizonte (MG). As fotos digitais obtidas por meio de câmara instalada em aparelho *smartphone*, pelo próprio pesquisador, foram transferidas para o computador e, posteriormente, selecionadas e formatadas para apresentação e análise, tendo por base a literatura revisada.

O banheiro dos homens: arquitetura e tecnologia como dispositivos e metáforas de poder

Retomando à já mencionada matéria do The New York Times, a jornalista Monique Yazigi propicia a Edelman (2011) detalhes do restaurante e motivos explicitados por seu gerente para a incorporação de aparelhos de TV em local, aparentemente, tão inusitado:

O American Renaissance Restaurant, 260, West Broadway, instalou dois aparelhos de TV Mitsubishi de 13 polegadas acima dos urinóis de louça negra no banheiro dos homens. “Você tem de ser homem para entender por que fizemos isso”, diz John Aron, gerente do restaurante, dando uma risadinha. “Os homens geralmente não têm nada para olhar e certamente não querem que seu olhar passeie por aí (EDELMAN, 2011, p. 263).

Coincidentemente - ou não - contata-se, por meio do levantamento empírico de dados procedidos para fins da pesquisa que subsidiou este artigo, banheiro masculino com duas telas de TV - estratégica e similarmente ao descrito no American Renaissance - instaladas sobre os mictórios de louça do toalete de um sofisticado restaurante da região centro-sul de Belo Horizonte. Mais surpreendente ainda, o fato de no momento das fotos, a tela exibir uma partida de futebol. Nada, portanto, mais alusivo à masculinidade hegemônica, à ambiência ambiência comumente construída para a (re-)afirmação da norma, da “lei do banheiro dos homens”, assim com dos códigos de socialização de seus princípios, condutas e comportamentos (FOTO 1).



Fonte: Acervo do Pesquisador

Nas palavras de Edelman (2011, p. 261),

[...] a colocação de televisores acima dos urinóis reflete uma consciência que só acentua o que pretende ocultar: que o banheiro dos homens é um espaço estranho onde o olhar da ordem simbólica vê os corpos masculinos dentro do significado social, estabelecendo, desse modo, o banheiro dos homens como um ponto nodal, um marco zero, na compactação cultural da masculinidade numa lógica de relações visuais.

E acrescenta: o homem que abre o zíper de suas calças e expõe sua genitália “[...] assim como o estranho que está ali ao lado, cola seus olhos no monitor não apenas para manter seu olhar sob controle, mas também, e mais crucialmente, para demonstrar esse controle para aqueles que o monitoram” (EDELMAN, 2011, p. 263).

Ainda segundo esse autor, outro famoso bar de Manhattan, nesse caso um ponto de encontro de homens homossexuais, ao ser recentemente submetido a reformas, instalou aparelhos de TV semelhantes sobre os mictórios de seu banheiro. No entanto, o efeito apresentou-se contrário ao registrado no American Renaissance, assim como em restaurante visitado em Belo Horizonte. Ao exibir imagens de corpos masculinos em poses erotizadas, acabou-se por estimular o desejo de ver, o que seria impedido pelas normas da cultura heterossexual hegemônica (EDELMAN, 2011).

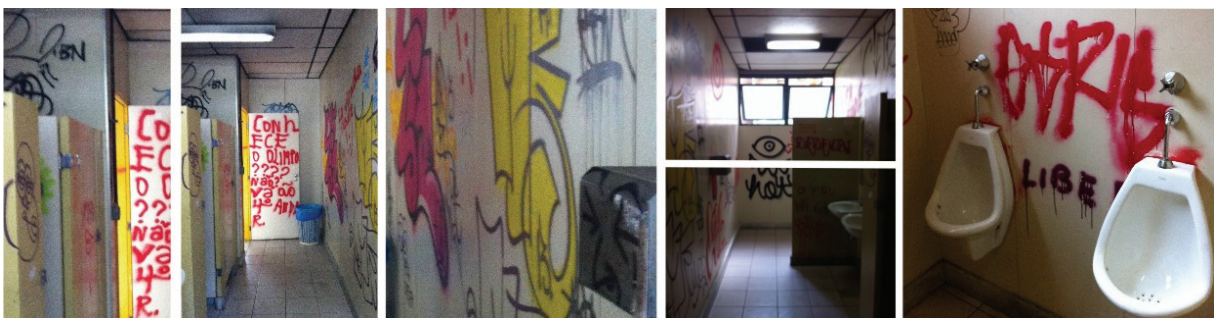
De forma similar, porém com recursos menos “tecnológicos”, foi possível registrar em banheiro masculino localizado em uma galeria de arte alvo de nossa pesquisa, disposto sobre o vaso sanitário, uma série de fotos, as quais, sem dúvida, propiciam ao frequentador a possibilidade de direcionar seu olhar. Curiosamente, uma das fotos - a mais central - exibia o verbo espanhol, no imperativo: “*mira!*” (FOTO 2).



Fonte: Acervo do Pesquisador

Cabe salientar que essa “instalação sanitária” trata-se um cubículo limitado ao uso individual. Isto a não ser por uma “transgressão” premeditada. Ademais, pode ser compreendido como uma extensão da própria galeria de arte, em que se localiza. Como uma “instalação” que a compõe e não como ambiente fora da cena, a ser escondido.

Outro ambiente, ainda, nesse caso o banheiro masculino de uma unidade universitária, localizada no *campus* de uma grande universidade pública da cidade, exibia pichações em todas as suas paredes, incluindo aquela em frente aos mictórios comuns. Vale salientar que pichações em banheiros públicos masculinos, em particular frequentados por adolescentes e jovens, não constituem práticas incomuns, porém convém registrar sua aplicação com conotação fortemente política, mais que tipicamente adotada como enunciação de conteúdos eróticos ou meramente difamatórios (FOTO 3).



Fonte: Acervo do Pesquisador

Em locais em que a aplicação da “lei do banheiro masculino” se vê ameaçada, por exemplo, pelo grande volume de frequentadores, como os casos de banheiros públicos em áreas de intensa circulação, não raro busca-se complementar o dispositivo, por meio do recurso a elementos mais tradicionais do panóptico. Agregam-se, por exemplo, em seu entorno ou entrada, a presença de seguranças ou mesmo de zeladores, que agregam às suas tarefas de manutenção física do espaço, a de inibidores de “atos libidinosos”. Nos banheiros alvo deste estudo foi possível verificar tal estratégia em banheiros masculinos públicos do aeroporto, da rodoviária, bem como de alguns *shoppings centers* e galerias comerciais, em especial, na região central da cidade (FOTO 4).



Fonte: Acervo do Pesquisador

Tal estratégia, a qual agrega diferentes dispositivos, de diferentes tempos e espaços, sugerem que seu poder, mais que se configurar sob uma única lógica, sob a lógica de “paradigma” (KUHN, 1998) que supera anteriores, parece configurar-se mais adequadamente em conformidade com a noção fleckiana de “estilos de pensamento” (FLECK, 2010), em que diferentes dispositivos somam-se, acumulam-se, combinam-se, sem a necessária exclusão daqueles forjados em outras temporalidades.

Excetuando-se, talvez, os locais consagrados ou suscetíveis - dado ao grande contingente de frequentadores e alto grau de diversificação do público, incluindo-se crianças, jovens, adultos e idosos de diferentes origens, idades e orientações sexuais - a “lei do banheiro masculino” parece, todavia, fazer-se cumprir com o essencial do dispositivo evidenciado por Edelman (2011).

Não obstante, todo cuidado se faz necessário contra os “monstros”, os “anormais” ou os “incorrigíveis” (FOUCAULT, 2002). Conforme alerta Jones (2011, p. 245), tendo por base depoimentos em estudo sobre processo judicial, levado a cabo nos anos 1960, na cidade norteamericana de Mansfield (Ohio), envolvendo filmagens policiais de frequentadores de um de seus banheiros públicos, sob denúncia quanto a práticas sexuais desviantes: “[...] a reputação de um homem não resistiria a especulações, nessa cidade que estava longe de ser o que eram a Washington, de J. E. Hoover, ou a Nova York, de Roy Cohn”, porém, “[...] até homens que se sentem completamente normais se deixam levar pela curiosidade de vez em quando - e houve muitos policiais infiltrados que resistiriam a tudo, exceto à tentação”, cabendo a alguns deles “tratamentos especialmente severos”.

Não obstante esses casos extremos recorda-nos Foucault (2002, p. 64):

O que o século XVIII instaurou mediante o sistema de ‘disciplina para a normalização’, mediante o sistema de ‘disciplina-normalização’, parece ser um poder que, na verdade, não é repressivo, mas produtivo - a repressão só figura a título e efeito colateral e secundário, em relação a mecanismos que, por sua vez, são centrais relativamente a esse poder, mecanismos que fabricam, mecanismos que criam, mecanismos que produzem.

Considerações Finais

Se pensarmos unicamente em nível da racionalidade econômica - e não simbólica - talvez fosse muito mais barato, ao invés, por exemplo, da instalação de TVs sobre urinóis em banheiros masculinos, a mera colocação de cortinas ou simplesmente de divisórias mais altas que melhor bloqueassem os olhares. No entanto, tais dispositivos “[...] nos dá uma lição: objetivam não apenas vedar a vista, mas induzir à visão ela mesma” (EDELMAN, 2011, p. 267)

Conforme observa Edelman (2011, p. 267), “[...] o urinol, não apenas institucionaliza o olhar disciplinador”, ele continuamente reafirma que “[...] todos os que são homens o suficiente para se postarem diante dele devem por sua vez estar livres para cair: livres, isto é, para cair precisamente na vergonha de uma visibilidade que serve de punição pela olhadela roubada que tenta ver além do véu” (EDELMAN, 2011, p. 267).

Outra lição diz respeito ao grau de “entranhamento” do biopoder disciplinar e viril na cotidianidade da sociedade contemporânea. Não importa a denominação que lhe seja dada - sociedade pós-moderna, da crise da modernidade, da modernidade tardia, da alta modernidade - ou o viés ideológico utilizado para caracterizá-la, o fato é que todo o desenvolvimento intelectual e evolução científico-arquitetônico-tecnológica não foi suficiente para superar a *épistémè* que, na passagem do século XVIII para o XIX, funda esse novo tipo de poder - mas que não simplesmente elimina dispositivos de tipos anteriores - articulado por micro poderes disciplinares, cujo alvo inicial foi o *sujeito-corpo*, e que, no século XIX, ganha extensão na forma da biopolítica, com foco no homem enquanto população: o *sujeito-espécie*. Uma modalidade de poder que, portanto, só se faz ampliar, atingindo todo e qualquer lugar, com enraizamentos e capilaridades sem precedentes (FOUCAULT, 2002).

Outro aprendizado dessa pequena “etnografia” pelos banheiros públicos masculinos de Belo Horizonte vem na direção, uma vez mais, de corroborar a analítica de Foucault (1999a), e, em particular, sua consideração de que o poder e sua reprodução não são exercidos sem uma certa economia dos discursos de verdade - por exemplo, os discursos em torno da noção de virilidade - que operam nesse poder, a partir e por meio dele: “somos submetidos pelo poder à produção de verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade” (FOUCAULT, 1999a, p. 28).

Vale salientar que para Foucault (1997), as práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Elas, ao contrário, ganham corpo em formas arquiteturais, em conjuntos de técnicas, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, políticas e práticas organizacionais que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm. Ou seja, nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento, que é em sim mesmo uma forma de poder, ligado, em sua existência e funcionamento, a outras de suas formas.

Ademais, consolida-se o entendimento de que - contrariamente à teoria jurídico-política da soberania, que data da Idade Média e da reativação do direito romano e se constitui em torno do problema da monarquia e do monarca - a modalidade de poder identificada por Foucault não é, de fato, do “soberano”. Que na contemporaneidade o poder se exerça ao mesmo tempo por meio desse direito e das técnicas da disciplina, que esses discursos invadam o direito, que os procedimentos da normalização colonizem cada vez mais os procedimentos da lei, é isso,

segundo Foucault (1999b), que pode explicar o funcionamento global do que denomina de sociedade da normalização. Sociedade, na qual a compreensão do poder, ao invés de centrada no soberano, deve ser extraída, histórica e empiricamente, das relações de poder, nos operadores e dispositivos de dominação. Teoria da dominação, das dominações, muito mais que teoria da soberania.

Concomitantemente, os dados empíricos coletados, ao apontarem para o fato de que, em essência, nada impediria um homem de olhar o outro no mictório ao seu lado, corrobora-se a suposição de Foucault (1987) de que o poder somente pode ser exercido sobre sujeitos que podem ter opções, que podem errar e cair, entendendo por isso “sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1987, p. 224). Logo, não há relação de poder quando os homens estão acorrentados, na medida em que não poderiam escolher suas ações. No limite, só há relação de poder quando o homem pode escapar.

Finalmente, reiteramos que o corpo - no momento em que se desenvolve e avança a sociedade capitalista e se registram avanços arquitetônicos e tecnológicos evidenciados, inclusive, no objeto de nosso estudo - torna-se ou deve tornar-se um instrumento de desempenho, necessário às exigências da produção e do consumo. Afinal, por que a separação entre banheiro das mulheres e dos homens, senão por uma cisão, uma censura no corpo que se visa domar como órgão de prazer, codificando-o, adestrando-o como instrumento de produção e de consumo, como instrumento de desempenho; viril, porém dócil, útil e lucrativo. Mas não necessariamente.

Referências

- BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *A reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BENTHAM, J. O panóptico ou a casa de inspeção. In: TADEU, T. (Org.). *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. *História da virilidade*: a invenção da virilidade. Petrópolis, 2013.
- EDELMAN, L. Banheiro dos homens. In: PENTEADO, F. M.; GATTI, J. (Orgs.). *Masculinidades*: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- FLECK, L. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- FONSECA, M. A. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.
- FOUCAULT, M. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999b.
- FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FREUD, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard, 1962.

- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- JONES, W. E. *Caça às bruxas no banheiro*. In: PENTEADO, F. M.; GATTI, J. (Orgs.). *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LACAN, J. *Televisão*. Paris: Seuil, 1993.
- NIETZSCHE, F. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. *Criação de conhecimento na empresa*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- LIPIETZ, A. *Miragens e milagres: problemas da industrialização no terceiro mundo*. São Paulo: Nobel, 1988.
- PAGÈS, M.; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE, D. *O poder das organizações*. São Paulo: Atlas, 1987.
- PROST, A.; DUBY, G.; VINCENT, G.; PERROT, M.; VEYNE, P.; ARIES, P. (Orgs.). *História da Vida Privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.